

## O POTENCIAL FORMATIVO PIBID: EM ANÁLISE AS NARRATIVAS DE ACADÊMICAS BOLSISTAS

Bruno Borgo dos Santos Moura<sup>1</sup>  
Cássia Eduarda Lima de Deus<sup>2</sup>  
Giovanna de Azevedo Wildner<sup>3</sup>  
Isabela de Paula Ribeiro<sup>4</sup>  
Jéssica Cristina Flores Vinga<sup>5</sup>  
Sandra Novais Sousa<sup>6</sup>

### Eixo 1 – Formação e Desenvolvimento Profissional Docente

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo analisar as vivências e os desafios enfrentados durante a execução do Subprojeto Alfabetização, vinculado ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid), refletindo sobre sua contribuição para a formação docente. Como procedimentos metodológicos, foi realizada uma análise documental, tendo como fontes a legislação educacional e documentos regulatórios do Pibid, e a análise dos relatórios de acadêmicas bolsistas do Pibid, escritos em forma de narrativas. Como resultados, aponta-se que a participação no subprojeto tem propiciado às pibidianas aprendizagens relacionadas à condução de atividades em uma turma crianças em fase de alfabetização, à importância do planejamento de atividades contextualizadas e ao desenvolvimento de estratégias criativas de ensino.

**Palavras-chave:** Pibid; Formação Docente; Práticas Pedagógicas.

### Introdução

O texto tem como objetivo analisar as vivências e os desafios enfrentados por acadêmicas do curso de Pedagogia (Integral), da Faculdade de Educação (Faed), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), durante a execução do Subprojeto Alfabetização, vinculado ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid), refletindo sobre sua contribuição para a formação docente.

O Pibid é uma política pública educacional, criada em 2007 e executada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), que tem como objetivos, entre outros: “[...] valorizar o magistério, incentivando os estudantes que optam pela carreira docente; promover a melhoria da qualidade da educação básica; promover a articulação integrada da educação superior do sistema federal com a educação básica do sistema público [...]”. (Brasil, 2007, p. 39).

O Subprojeto Alfabetização – Pedagogia Integral está sendo desenvolvido com a participação de uma coordenadora de área (professora do magistério superior), três supervisores (um professor e duas professoras da educação básica) e 24 acadêmicas bolsistas. As bolsistas são divididas em três grupos de oito acadêmicas, cada grupo sob a responsabilidade de um/a supervisor/a. Dois supervisores estão lotados na Escola Municipal Abel Freire de Aragão, e uma supervisora na Escola Municipal Luiz Cavallon.

Como parte das atividades a serem cumpridas no Subprojeto Alfabetização, as bolsistas são orientadas a produzir narrativas formativas, nas quais registram as reflexões provocadas nas reuniões quinzenais e nos momentos em que acompanham os supervisores nas escolas parceiras.

<sup>1</sup> Pedagogo, professor dos anos iniciais do ensino fundamental, supervisor do Pibid.

<sup>2</sup> Acadêmica do curso de Pedagogia/Faed/UFMS.

<sup>3</sup> Acadêmica do curso de Pedagogia/Faed/UFMS.

<sup>4</sup> Acadêmica do curso de Pedagogia/Faed/UFMS.

<sup>5</sup> Acadêmica do curso de Pedagogia/Faed/UFMS.

<sup>6</sup> Doutora em Educação. Professora lotada na Faed/UFMS. Coordenadora de Área do Pibid.

A opção pela escrita de narrativas formativas, e não de relatórios técnico-descritivos, deu-se pela potencialidade desse registro para promover e mobilizar aprendizagens relacionadas à profissão. Na orientação que foi dada às bolsistas, foi informado que suas narrativas deveriam trazer elementos reflexivos, considerando as três dimensões temporais (passado, presente e futuro), ou seja, que elas precisavam relacionar suas lembranças de escolarização ou o que já sabiam ou faziam (passado), reflexões ou novos entendimentos sobre o conceito/tema que a ação formativa trouxe (presente) e o que essas reflexões as provocavam a modificar (ou manter) em suas práticas como professora (futuro).

Essa temporalidade é uma das marcas dos escritos de si, utilizados, sobretudo em pesquisas biográficas, como dispositivos para a formação docente. A pesquisa biográfica, conforme Delory-Momberger (2012, p. 524),

[...] introduz a dimensão do tempo e, mais precisamente, da temporalidade biográfica da experiência e da existência. [...] A postura específica da pesquisa biográfica é a de mostrar como a inscrição forçosamente singular da experiência individual em um tempo biográfico se situa na origem de uma percepção e de uma elaboração peculiar dos espaços da vida social.

Assim, as narrativas produzidas pelas pibidianas nos fornecem dados que possibilitam analisar quais reflexões sobre a profissão docente, as práticas de alfabetização e o contexto escolar a sua participação no Pibid tem provocado.

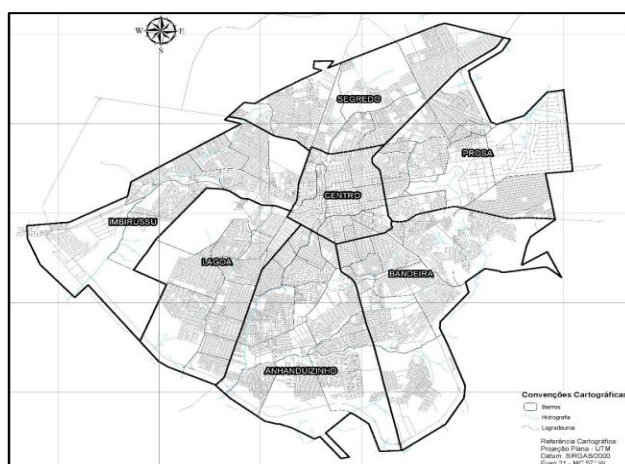
Feita essa contextualização, na próxima seção apresentamos a Escola Municipal Abel Freire Aragão, um dos *lôcus* em que as atividades do Subprojeto Alfabetização são desenvolvidas.

### Conhecendo a escola parceira

O ambiente escolar exerce papel central no desenvolvimento das atividades e na experiência dos futuros docentes participantes do Pibid. Dessa forma, torna-se importante conhecer o espaço em que os processos formativos são vivenciados pelas bolsistas integrantes do subprojeto.

A Escola Municipal Abel Freire de Aragão está localizada na Vila Santa Branca, na Região Urbana do Anhanduizinho, município de Campo Grande, MS.

**Figura 1 – Mapa das regiões urbanas de Campo Grande, MS**



Fonte: Planurb (2017)

Foi fundada no ano de 1988, durante a gestão do prefeito Juvêncio César da Fonseca, e inaugurada em março de 1989, pelo prefeito Lúdio Martins Coelho. No ano de 2025, estão à frente da gestão a diretora, Ana Paula Souza Bezerra, e a diretora adjunta, Giovanna Queiroz de França.

A escola, de acordo com o seu Projeto Político Pedagógico (PPP) (Campo Grande, 2024), funciona no período diurno com Educação Infantil, grupos 4 e 5 (pré-escola), e Ensino Fundamental, do 1º ao 9º ano. Atende crianças e adolescentes de 5 a 16 anos, alguns com defasagem ano-idade e público alvo da Educação Especial (deficiências, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação). As turmas são organizadas de forma heterogênea, atendendo em média 35 alunos, com 36 turmas no total, com exceção das classes de alfabetização que chegam a 30 alunos no máximo. A escola possui 18 turmas no total, sendo 3 da Educação Infantil e 15 do Ensino Fundamental para cada turno.

**Figura 2 – Vista da frente da EM Abel Freire de Aragão**



Fonte: Google Maps (2025).

Em sua arquitetura, a escola contempla uma biblioteca, diretoria, secretária, pátio descoberto, quadra de esporte coberta, dois banheiros femininos e um masculino para alunos do Fundamental, um banheiro feminino e um masculino para os alunos da Educação Infantil, dois banheiros para funcionários, sala da supervisão escolar e da orientação educacional, sala de arquivos, depósito, cozinha e uma cantina comercial.

Atualmente, a escola conta com oito modalidades de projetos e treinamentos oferecidos pela Secretaria Municipal de Educação, sendo: vôleibol, basquete, futsal, judô, balé, ginástica rítmica e tênis de mesa. Em sua maioria, os treinamentos acontecem após a aula, oportunizando maior participação dos estudantes. Todas essas modalidades competem através dos Jogos organizados pela rede: Jogos Escolares da Rede Municipal de Ensino (Jires) e festivais. Incentivando dessa forma o esporte, lazer e a educação escolar local.

No Projeto Político-Pedagógico da EM Abel Freire de Aragão, o Pibid é citado como um projeto que busca contribuir para uma educação emancipadora e inclusiva e para o enfrentamento das defasagens de aprendizagem intensificadas no período pós-pandemia.

No ano de 2025, o Subprojeto Alfabetização conta com a parceria do professor Bruno Borgo dos Santos Moura, regente de uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental, supervisor do Pibid e responsável pelo acompanhamento e orientação de oito acadêmicas bolsistas.

Bruno é graduado em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), com especializações em Alfabetização e Letramento, Psicopedagogia e Educação de Surdos. Atua na educação desde 2018, com experiências como Intérprete Educacional de Libras

e professor de apoio pedagógico em escolas estaduais de Campo Grande, e há dois anos integra o corpo docente da Escola Abel.

Apesar de desafios, como a carência de recursos tecnológicos, a dificuldade de participação das famílias e as condições socioeconômicas que impactam o processo de ensino e a aprendizagem dos alunos, o Pibid tem se mostrado um espaço de experimentação pedagógica relevante na EM Abel Freire Aragão, fortalecendo o papel social da escola ao contribuir para a promoção de uma educação pública de qualidade, consolidando a escola como espaço de formação cidadã, reflexão pedagógica e transformação social.

Na próxima seção, apresentamos alguns excertos dos relatórios produzidos pelas bolsistas que integram o grupo do supervisor Bruno. A análise das suas narrativas aponta que a participação no Pibid tem propiciado às futuras professoras a vivência de práticas alinhadas à realidade local dos alunos, ao mesmo tempo em que, por meio da sua presença no cotidiano da escola, contribuem para transformar essa realidade.

### **O cotidiano escolar como espaço de formação: aprendizagens das pibidianas em sala de aula**

Esta seção apresenta relatos de experiência narrados por cinco acadêmicas do curso de Pedagogia, bolsistas do Pibid: Alice e Cássia, do 8º semestre; Isabela e Jéssica, do 7º semestre; e Giovanna, do 1º semestre. A partir de suas intervenções em sala, serão analisadas duas situações vivenciadas com os alunos e as estratégias pedagógicas que mobilizaram para lidar com os desafios emergentes do processo educativo.

A primeira situação que trazemos para análise neste texto aconteceu no dia 27 de maio de 2025, em uma terça-feira, no período matutino. Nesse dia da semana, as crianças fazem as disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática. A atividade proposta envolvia produção de texto, e o gênero textual escolhido foi o diário.

**Figura 3 – Atividade de produção de um diário**



Fonte: acervo pessoal.



Inicialmente, os alunos aprenderam o que era um diário, sua função e sua estrutura de escrita. Após a explicação, eles deveriam confeccionar uma capa e, em seguida, produzir sua primeira escrita no diário criado. Isabela, a bolsista que ficou responsável por conduzir essa atividade, juntamente com sua dupla, relata:

Me diverti muito dando a aula sobre diário, porque é algo que faço no dia a dia, então foi gostoso compartilhar esse interesse, ainda mais com as crianças, pois penso que o diário traz imensos benefícios para nosso emocional, proporciona momentos relaxantes de escrita, desenho, pintura, colagem, nos faz lembrar de momentos bonitos que vivemos e faz com que nos aproximemos de nós mesmos e acredito que todos precisamos disso (Isabela, Relatório, 2025).

Em sua narrativa, é possível observar que a acadêmica considerou a atividade significativa, pois a relacionou com o uso social que fazia desse gênero textual. Assim, ao conduzir a atividade, conseguiu mostrar às crianças que elas poderiam utilizar o diário para expressar seus sentimentos de forma criativa e livre.

Para a bolsista Jéssica, durante essa atividade as crianças puderam aprender brincando, explorando e criando:

Ao escreverem em seus diários, as crianças não apenas relatam experiências, mas também organizam ideias, elaboram sentimentos e se apropriam da linguagem como ferramenta de construção de si. Um grupo quis escrever sobre o mesmo desenho que gostam e acabaram escrevendo coisas diferentes sobre ele, outros falaram sobre o final de semana deles, mesmo que tenham acontecido coisas não muito divertidas (como um dos meninos, que disse que ficou de castigo), e outros escreveram sobre seus animais de estimação (Jéssica, Relatório, 2025).

A proposta didática desenvolvida pelas pibidianas, sob a orientação do supervisor, alinha-se ao que nos aponta Vigotski (apud Mello, 2004, p.143): [...] sem o contato da criança com a cultura, com os adultos, com as crianças mais velhas e com as gerações mais velhas, a criação das capacidades e aptidões humanas não ocorrerá”. Assim, observa-se a importância das interações sociais para a aprendizagem e o desenvolvimento infantil, pois, mesmo em uma atividade em que o objetivo era escrever sobre si, ao interagirem com seus pares, com a mediação das pibidianas e do professor, as crianças puderam ampliar sua capacidade criativa e seu repertório para a escrita.

Na narrativa de Jéssica, percebemos ainda os movimentos formativos possibilitados pela condução da atividade, que levaram a bolsista a refletir sobre sua própria prática:

Fiquei com receio de eles não entenderem minha explicação, então fiquei muito séria, a ponto de parecer que estava irritada. No final, um dos meninos me disse que gostou bastante das duas aulas, mas principalmente a do diário (Jéssica, Relatório, 2025).

A devolutiva por parte de uma das crianças foi citada no relatório de Jéssica, o que mostra que a bolsista compreendeu a relevância de se manter, durante o tempo em que interage com as crianças, um olhar atento e uma escuta ativa, ou seja, de desenvolver uma atitude investigativa e reflexiva em relação à sua prática, bem como a importância de planejar aulas contextualizadas e significativas.

Dessa forma, observamos a potencialidade do Pibid em contribuir para que as acadêmicas em formação compreendam o planejamento para além do sentido meramente

técnico e burocrático, e sim, como apontam Peres *et al.* (2024), como um ato de escuta, de intencionalidade e de esperança, uma forma de resistência e de defesa de uma escola mais justa, inclusiva e significativa para todos os alunos.

A segunda situação é referente a uma aula que ocorreu no dia 04 de julho de 2025, em uma sexta-feira, com as pibidianas Alice, Cássia e Giovanna. Às sextas, a turma tem dois tempos de matemática e dois de língua portuguesa. Neste dia, nos últimos dois tempos, a acadêmica Giovanna fez a leitura da história “O mistério da porta colorida”, mas deixando uma lacuna, sem contar a história completa. Após, a pibidiana, junto com o professor Bruno, entregou uma folha sulfite e explicou para os alunos que eles iriam produzir um texto e um desenho para preencher e dar continuidade à história. Giovanna, então, passou de mesa em mesa mostrando um desenho que a bolsista Jéssica havia feito para representar a porta colorida, os personagens e objetos citados na história, como uma forma de reforçar o que foi lido e instigar a imaginação dos alunos.

**Figura 4 – Atividade de produção de texto**



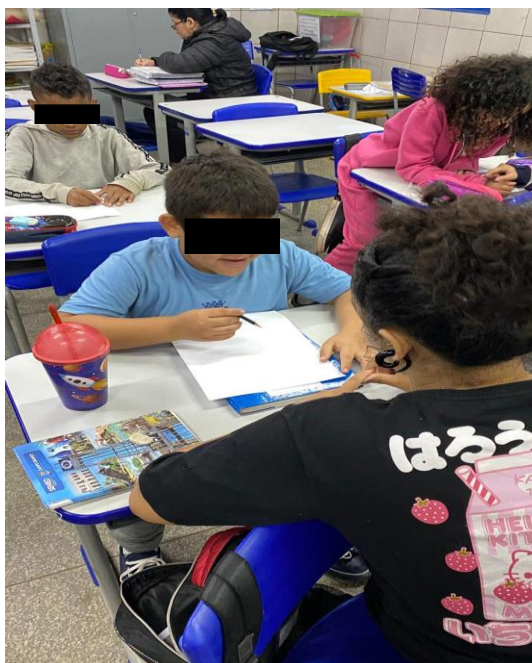
Fonte: acervo pessoal.

**Figura 5 – Atividade de produção de texto**



Fonte: acervo pessoal.

**Figura 6 – Atividade de produção de texto**



Fonte: acervo pessoal.

Essa atividade foi proposta com o objetivo de desenvolver a capacidade de expressão, a criatividade e a imaginação, tendo como elemento motivador o texto literário. Segundo Cademartori (2010), a literatura tem um papel central na formação da criança, pois estimula a

imaginação e o pensamento crítico, ajudando na formação de conceitos e na capacidade de interpretação através de diferentes perspectivas.

Quando os alunos começaram a produzir seus textos, o professor Bruno pediu que as acadêmicas passassem de mesa em mesa, verificando se os alunos precisam de ajuda e mediação na escrita. A bolsista Cássia, nesse momento, teve a iniciativa de fazer a mediação de uma forma diferente, incentivando as crianças que estavam próximas a ela a produzir o texto oralmente, tendo ela como escriba. Assim, um por um, os alunos ditaram a história que haviam pensado e ela foi anotando, orientando os alunos a irem produzindo seus desenhos enquanto ela escutava a história dos demais.

Dessa forma, as crianças conseguiram se concentrar unicamente na história, no que queriam que estivesse em seus textos, usando a criatividade e a imaginação, sem se preocupar com as normas convencionais da escrita. Após anotar as histórias de todos, ela sentou com cada um, e passou a ditar para o autor do texto o que ele tinha falado previamente. Foi somente nesse momento que os alunos tiveram que pensar na escrita convencional de cada palavra, e puderam contar com a mediação da pibidiana quando tinham alguma dúvida gramatical ou ortográfica.

A estratégia utilizada pela bolsista Cássia demonstrou sua apropriação das discussões realizadas durante as reuniões formativas do subprojeto (Figura 5), sobretudo a partir da leitura do texto “Novas abordagens para velhas práticas” (Sousa, 2025), indicado para estudo e debate no mês de maio/2025.

**Figura 7 – Reunião formativa do subprojeto**



Fonte: acervo pessoal

Neste texto são discutidas algumas práticas tradicionalmente utilizadas por professores alfabetizadores, como o ditado, a cópia e a memorização do alfabeto, entre outras. Em relação ao ditado, a autora aponta:

[...] qual o lugar do ditado durante o ensino inicial da escrita? Podemos dizer que a atividade de “ditar” – entendida aqui como a ação de dizer palavras, frases ou textos em voz alta, para que outra pessoa escreva – poderá ser uma atividade interessante se for **contextualizada**. A exemplo, cito algumas situações: as crianças ditam para a professora um texto, uma lista de histórias, o relatório de uma experiência realizada ou de um passeio que fizeram, um manual de instruções, ou seja, textos produzidos oralmente pelas crianças e registrados pela professora; a professora dita para as crianças uma lista de itens que podem ser trazidos para a realização de um trabalho coletivo; uma criança dita para outra criança os nomes de suas brincadeiras preferidas, para que



juntas possam escolher qual será a brincadeira da hora do intervalo; entre outras propostas didáticas possíveis (Sousa, 2025, p. 70, grifo nosso).

Ao atuar como escriba, com as crianças ditando sua história, e depois inverter os papéis, ditando a história produzida oralmente pelo aluno para que ele a registrasse por escrito, a pibidiana conseguiu transformar uma “velha prática” (o ditado), utilizando uma “nova abordagem”, intencionalmente pensada para propiciar às crianças a oportunidade de criar seus textos de forma mais livre e criativa, ao mesmo tempo em que, ao escrevê-los posteriormente, também desenvolviam sua capacidade de reflexão sobre a língua escrita.

Na percepção das pibidianas, as crianças têm desenvolvido cada vez mais a sua autonomia na escrita, quando comparam suas produções ao longo do período em que estão acompanhando a turma. Em seus relatórios, demonstram que se sentem como parte desse processo, como é possível observar na narrativa de Giovanna: “[...] é gratificante fazer parte dessa ação, poder conciliar as aulas da faculdade com os dias presentes nas escolas” (Giovanna, Relatório, 2025).

Como afirma Freire (2019, p. 25), “[...] quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. As duas situações analisadas nos levam à reflexão de que o Pibid tem propiciado às acadêmicas aprendizagens que contribuem para a sua formação profissional. Elas aprendem umas com as outras, com as crianças, com os supervisores, com os textos estudados, com o cotidiano da escola e, sobretudo, com a vivência prática de colaboração no planejamento e na execução das atividades.

### Considerações Finais

A partir da análise realizada e das vivências práticas no subprojeto de Alfabetização do Pibid na UFMS, foi possível compreender o quanto o programa contribui para a formação de futuros professores de forma mais crítica, sensível e próxima da realidade das escolas públicas. O contato direto com os alunos, os professores regentes e a comunidade escolar fortaleceu o processo de aprendizagem das pibidianas, unindo teoria e prática de maneira significativa.

As atividades desenvolvidas permitiram uma construção mais sólida da identidade docente, com base na observação, no planejamento, na escuta e na reflexão constante sobre as ações pedagógicas. Ao mesmo tempo, os desafios enfrentados – como a falta de recursos, o cansaço e as limitações financeiras – mostram a importância de políticas públicas que garantam melhores condições de formação e permanência para os estudantes da licenciatura.

Mesmo com essas dificuldades, o Pibid segue sendo um espaço essencial para aprender, experimentar e se preparar para a docência com mais responsabilidade e compromisso social. As experiências vividas ao longo do semestre mostraram que estar na escola desde a graduação permite olhar a educação com mais profundidade, compreendendo as necessidades dos alunos e a importância do papel do professor na transformação da realidade.

Portanto, programas como o Pibid devem ser valorizados e fortalecidos, pois têm grande potencial para melhorar a qualidade da educação pública e apoiar a formação de professores mais preparados, conscientes e engajados com a construção de uma escola mais justa, inclusiva e democrática.

### Referências

CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil?** São Paulo: Brasiliense, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 62. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

MELLO, S. A. A Escola de Vygotsky. *In*: CARRARA, Kester (Org.). **Introdução à psicologia da educação**: Seis abordagens. São Paulo: Avercamp, 2004. cap 5, p. 132-152.

PERES, Epitácio Silva; NERIS, Joelton de Oliveira; PERES, Valeriane Sousa Terra; SILVA, Jeromice Moreira da. Planejamento escolar: a importância na construção do cotidiano educacional. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 876–886, 2024. DOI: 10.51891/rease.v10i1.12956. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/12956>. Acesso em: 26 jul. 2025.

SOUSA, Sandra Novais. Novas abordagens para velhas práticas. *In*: BRASIL. Ministério da Educação. **Alfabetização contextualizada e reflexiva**: percurso formativo para 1º e 2º anos: fascículo 5. Teresina: Editora CEAD, 2015.